

MELHORAMENTO GENÉTICO DO TOMATEIRO E A RESISTÊNCIA VARIETAL A DOENÇAS

Wilson Roberto Maluf, Ph.D.
Universidade Federal de Lavras (UFLA)

O tomateiro cultivado (*Solanum lycopersicum*, sin. *Lycopersicon esculentum*), embora nativo da região andina, é apenas uma das espécies de tomateiro existentes, mas foi a única domesticada. A domesticação se deu primariamente no México, dali se espalhando pela Europa no século XVI, e posteriormente, para outras partes do mundo entre os quais o Brasil.

Cada uma destas migrações foi acompanhada por um estreitamento da base genética (*founder effect*), que teve como consequência o tomateiro domesticado ter chegado até o século XX como suscetível a um grande número de doenças e pragas. O *gene pool* do tomateiro, no entanto, inclui mais de uma dezena de espécies selvagens, que, em seu conjunto, abrigam uma grande gama destas resistências.

A partir das primeiras décadas do século XX, melhoristas foram capazes de introgreir, no tomateiro cultivado, alguns dos genes de resistência presentes nos acessos selvagens. Uma das primeiras resistências a serem introduzidas foi a resistência ao *Fusarium oxysporum* f.sp. *lycopersici* raça 0, e posteriormente ao *Verticillium* e a nematoides *M. incognita* e *M. javanica*. A maioria dos genes que controlam resistência a doenças no tomateiro são dominantes, o que favoreceu sobremaneira a adoção de cultivares híbridas. Este fato, aliado a técnicas de seleção assistida por marcadores moleculares, tem permitido o lançamento de híbridos com gama de resistências inimagináveis há duas décadas.